

# *SANTIDADE TEM A VER*

## *COM OS MEUS RELACIONAMENTOS*

Ensinou-se, em várias ocasiões, que um estado de isolamento e solidão, permanentemente afastado dos envoltórios normais do ser humano, é uma ajuda, e até mesmo uma necessidade, para a prática da santidade. É verdade que uma vida de santidade exige momentos regulares de intimidade pessoal com Deus. No entanto, a noção de que uma pessoa, caso se isole da família, igreja e sociedade, ganhará a liberdade para mover-se em um nível mais profundo com Deus é completamente falsa. Esta ideia, ao que parece, surgiu no século 4º da era cristã, quando os primeiros monges cristãos se isolaram para praticar a mortificação do corpo e as atividades espirituais que, naquela época, definiam a santificação. Por isso, Santo Antonio isolou-se no deserto do Egito por vinte anos. São Simeão construiu um pilar e viveu no topo dele por 30 anos. Existem muitos outros exemplos como esses.

Por sua vez, as pessoas na Idade Média alimentavam a ideia da santidade como uma opção pessoal por uma “vida mais elevada” de compenetrada austeridade, vivida por cristãos extremamente sérios. Não tinham dúvidas de que era certo buscar a separação, supostamente necessária para esse tipo de vida, renunciando o casamento e as riquezas, e tornando-se um monge, uma freira ou um eremita. Foi, portanto, revolucionário para a vida e o pensamento social quando os reformadores repensaram a santidade como a plenitude do relacionamento, a administração dos talentos e do tempo, e a manutenção do amor, da humildade, da pureza de coração e do zelo para com Deus no coração de uma pessoa. O ideal do isolacionismo foi, portanto, completamente descartado e substituído por uma insistência no fato de que a santidade – vista agora como a vida consagrada do pecador perdoado e agradecido –, deve ser evidenciada na maneira pela qual o cristão, como adorador, trabalhador e testemunha, se relaciona com a família, igreja e sociedade. É inquestionável, no entanto, que os reformadores tinham a Bíblia a seu favor.

Não há dúvida de que os reformadores exageraram quando, no calor de sua reação contra o modelo predominante, procuraram fechar todos os mosteiros e negar qualquer validade de um chamado para servir a Deus na solidão resultante de um afastamento dos assuntos do mundo. Contudo, eles estavam certos ao negar a ideia de que esse afastamento é uma condição indispensável para a santidade, e que o envolvimento com o mundo afasta toda e qualquer possibilidade de se alcançar uma vida plenamente santa. A santidade bíblica, neste sentido, é também uma santidade do mundo. Sem conformar-se com o mundo, tornando-se materialista, perdulário ou um cobiçoso construtor de seu próprio império, o cristão deve procurar agir como servo de Deus no mundo, honrando a Jesus ao servir os outros. Portanto, a afirmação que faço, e na qual devo me enquadrar, é que a maneira como me relaciono com os outros é a essência de minha santidade aos olhos de Deus, assim como uma indicação da mesma aos olhos dos homens.

Recordo-me de algo que li a respeito de uma senhora que, por volta de cem anos atrás, foi uma escritora e pregadora eloquente bastante conhecida neste tema da santidade. (Para evitar escândalos, não mencionarei seu nome nem a fonte da referência que segue.) Seu genro escreveu que muitos a viam como “uma pessoa sábia e santa”, mas ele mesmo “aos poucos foi formando suas ideias a seu respeito como uma das piores pessoas que já conhecera”. Por quê? Sua lista de razões começava assim: “a maneira como ela tratava o marido, a quem odiava, era a mais humilhante possível. Ela nunca conversava com ele nem falava dele sem deixar claro o seu desprezo. Não se pode negar que ele era um velho ignorante. No entanto, ele não merecia o tratamento que ela lhe dava, e ninguém capaz de ser misericordioso poderia dar esse tipo de tratamento”.

Seu genro não era cristão, contudo, nada do que disse era contrário ao cristianismo. Portanto, quando o amor é suplantado pelo ressentimento rancoroso entre marido e mulher ou por alguma divergência entre pais e filhos, ou entre colegas, o que acontece é a negação da santidade,

independente do que seja publicado em livros ou pregado nos púlpitos. Preciso me lembrar disso, e não acredito que seja o único.

No livro citado por Brain e Warren, James Philip aponta o caminho de alguns cristãos que não estão dispostos a mostrar qualquer tipo de sentimento empático (a síndrome de macho daqueles que gostam de ser vistos como os valentões de Deus), nem renunciar a intenção de ser o centro das atenções e o desejo de controlar os outros (a doença de Diótrefes, em 3Jo 9). Segundo ele, todas estas coisas induzem ao endurecimento do coração que, do ponto de vista de Deus, arruína seus relacionamentos.

Existem muitos cristãos que nunca aprenderam a dizer “obrigado”, e que causam muito aborrecimento aos seus melhores amigos por causa de sua aparente grosseria e falta de gratidão, quando julgam que o amor e a amizade não precisam ser cultivados(...) Não existe algo tão destinado a causar problemas(...) como a insistência em manter uma opinião irrealista a respeito de si mesmo(...) Quase sempre, indubitavelmente, ela é a projeção incansável de um complexo de inferioridade que se manifesta em ideias entusiasmadas e maravilhosas da importância do próprio indivíduo, fora de todas as proporções da realidade. O problema do complexo de inferioridade está muito mais ligado ao egocentrismo do que a maioria de nós gostaria de acreditar (...) Precisamos reconhecer a raiz do problema. Este é o motivo pelo qual, em última análise, o evangelho é a única psicologia verdadeira, uma vez que nenhum outro poder pode quebrar a tirania do ego no coração humano.

A essência do problema é “o ego que não aprendeu a morrer”. Mas uma “verdadeira submissão a Cristo esvazia o nosso ego inflado, reduzindo-o ao tamanho adequado, em relação a ele e aos nossos amigos, e reimplanta a perspectiva da realidade em nossa vida”.<sup>7</sup> Que palavras sábias! Que ninguém imagine que pode crescer em santidade se mantiver relacionamentos cristãos fracassados em sua própria vida.

Resumindo, parece que a santidade cristã são diversas coisas ao mesmo tempo. Ela tem aspectos externos e internos. É um assunto que envolve ação e motivação, conduta e caráter, graça divina e esforço humano, obediência e criatividade, submissão e iniciativa, consagração a Deus e compromisso com as pessoas, autodisciplina e entrega pessoal, justiça e amor. É uma caminhada ou curso de vida de cumprimento de leis estabelecidas e dirigida pelo Espírito, que revela o fruto do Espírito (atitudes e disposição semelhantes às de Cristo). É uma questão de procurar imitar a maneira de proceder de Jesus, dependendo dele para obter libertação do domínio da carne e discernimento de necessidades e possibilidades espirituais.

É uma questão de paciência e perseverança na retidão; de passar para o lado de Deus, lutando contra o pecado em nossa própria vida e na vida de outros; de adorar a Deus no Espírito enquanto o servimos no mundo; de sinceridade, seriedade e concentração livre e prazerosa no que se refere a agradar a Deus. É uma forma diferente de vida, separada para Deus, que agora se renova interiormente por seu poder.

Santidade é, portanto, a demonstração da fé, motivada pelo amor. É algo completamente sobrenatural, no sentido de que é uma realização graciosa de Deus em nosso interior, e completamente natural, no sentido de que é a nossa verdadeira natureza humana, perdida em meio aos nossos pecados, mal interpretada em razão da nossa ignorância e disposição em ouvir os ditames da presente cultura – mas agora em processo de restauração por meio do redirecionamento e da energia reintegradora da nova criação em Cristo por intermédio do Espírito Santo. Oswald Chambers chamou o presente da santidade dado por Deus de “nossa brilhante herança”. A frase foi bem escolhida, pois o adjetivo *brilhante* – luminoso, refulgente, precioso, glorioso – se encaixa muito bem dentro da definição de santidade.

*A redescoberta da santidade*, J. I. Packer, Editora Cultura Cristã.